



Faculdade de tecnologia e ciências sociais – FATECS

Comunicação social com habilitação em publicidade e propaganda

Área de concentração: Jornalismo cultural

Afrodite Santos Rodrigues e Raquel dos Santos Cardoso

***“Direi meias verdades sempre à meia luz”*: A imagem feminina nas
composições de Chico Buarque de Hollanda**

BRASÍLIA

2014

Afrodite Santos Rodrigues e Raquel dos Santos Cardoso

***“Direi meias verdades sempre à meia luz”*: A imagem feminina nas
composições de Chico Buarque de Hollanda**

Memorial descritivo apresentado à Faculdade de Comunicação Social do Centro Universitário de Brasília, como requisito parcial para a conclusão do curso de Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Professora Cláudia Busato

BRASÍLIA

2014

Afrodite Santos Rodrigues e Raquel dos Santos Cardoso

***“Direi meias verdades sempre à meia luz”*: A imagem feminina nas
composições de Chico Buarque de Hollanda**

Memorial descritivo apresentado à Faculdade de
Comunicação do Centro Universitário de Brasília
como requisito parcial à obtenção do grau de
bacharel em Comunicação Social com habilitação
em Publicidade e Propaganda.

Brasília, 13 de junho de 2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Cláudia Busato – UniCEUB

Orientador (a)

Prof. Flor Marlene Lopes – UniCEUB

Examinador (a)

Prof. Roberto Lemos – UniCEUB

Examinador

AGRADECIMENTOS

Foi uma longa jornada até chegar a esta etapa e isso só foi possível porque tive ao meu lado pessoas especiais.

Palavras não são o suficiente para expressar a intensidade da gratidão que sinto pelo papel que minha mãe, Ana Rita Santos Botão, exerce sobre minha vida. Com sabedoria, ela desempenha suas melhores qualidades nas mais variadas circunstâncias e, assim, colho os benefícios de aprender com alguém tão generoso. Indubitavelmente, devo a ela esta conquista.

Agradeço imensamente a Deus por ter me atendido quando clamei Seu nome, possibilitando que eu chegasse até aqui.

Sou grata, também, ao suporte dos amigos Bruno Ferreira e Raisa Frid que, mesmo separados pela distância geográfica, me deram às mãos quando a vida me desafiou.

Por toda disposição e empenho exercidos sobre este projeto, agradeço à Raquel Cardoso, minha dupla de trabalho.

Junto a ela, está a Professora Cláudia Busato, a quem sou grata pelo entusiasmo e atenção.

Também agradeço à minha amiga Carolina Felício pelo companheirismo e boa vontade em me ajudar em determinados momentos da esfera acadêmica.

Por fim, agradeço ao meu primeiro e eterno amor, Wander Rodrigues de Lima, meu pai. Sem perceber, ele me passou ensinamentos dos quais jamais vou esquecer. E é ao seu lado que subo este último degrau da graduação, onde ele é quem merece ser coroado por ter sido co-criador da minha história, me proporcionado tantos risos e preenchido meus dias com seu enérgico conhecimento.

Afrodite Santos Rodrigues.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por ter me capacitado, a Ele toda glória.

Antônia dos Santos Cardoso, meu alicerce, meu oásis em tempos difíceis, minha rainha, parte de mim, à ela todo meu eterno amor e gratidão por sempre me incentivar e acreditar na minha proposta.

Ao meu pai, Robson Ribeiro Cardoso, por me ensinar que alcançamos o que quisermos através do esforço e da dedicação.

Todo meu carinho, consideração e admiração ao meu melhor amigo, e maior responsável pelo meu apreço pela música, meu irmão, Josué dos Santos Cardoso. A ele meu muitíssimo obrigada por todos os dias me mostrar um mundo novo a ser explorado.

Agradeço à minha dupla, Afrodite Rodrigues, pelo esforço e cumplicidade para tornarmos esse trabalho possível.

Palmas para as maravilhosas mulheres e distintos homens que contribuíram para realização do trabalho, disponibilizando seu tempo e conhecimento, a esses todo o meu respeito.

Diante de toda cumplicidade, companheirismo e incentivo da minha melhor amiga e irmã do coração, Rhuama Barbosa do Carmo, quem tem me mostrado todos os dias o valor de uma amizade sincera e duradoura, à ela meu imenso amor e reciprocidade.

Quero agradecer aos meus amigos que são minha inspiração, minha família e meus irmãos, em especial Camila Silva.

Por último agradeço à Claudia Busato por acreditar e possibilitar a realização de um sonho.

Raquel dos Santos Cardoso.

RESUMO

O presente documento é uma pesquisa de conclusão do curso de Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda e tem como objetivo formular o registro de memória da criação de um produto. Neste caso, o produto será uma matéria especial para a revista *Tpm* sob o título *Direi minhas verdades sempre à meia luz*, onde se aborda o eu lírico feminino de algumas composições de Chico Buarque de Hollanda sob diferentes perspectivas. A matéria é de autoria das alunas Afrodite Santos Rodrigues e Raquel dos Santos Cardoso.

PALAVRAS – CHAVES

1. Chico Buarque de Hollanda; 2. O feminino; 3. Jornalismo cultural; 4. Revista.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
1.1 OBJETO.....	9
1.2 OBJETIVOS.....	9
1.3 GERAL.....	9
1.4 ESPECÍFICOS	9
2 JUSTIFICATIVA	11
3 METODOLOGIA	12
3.1 PRÉ – PRODUÇÃO	12
3.1.2 ENTREVISTADOS	14
3.2 PRODUÇÃO	15
3.2.1 ENTREVISTAS ONLINE	15
3.2.2 ENTREVISTAS AO VIVO	16
3.2.3 PRODUÇÃO DE CONTEÚDO	16
3.2.4 DIAGRAMAÇÃO	17
3.3 PÓS – PRODUÇÃO	18
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
4.1 CHICO BUARQUE DE HOLLANDA	19
4.2 O FEMININO	22
4.3 PANÔRAMA DO JORNALISMO CULTURAL CONTEMPORÂNEO	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
APÊNDICE	40
ENTREVISTAS COM O PÚBLICO FEMININO	40
ENTREVISTA COM FREDERICO TOMÉ	55
ENTREVISTA COM LUCIANA COLÓ	57

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido com o intuito de abordar a imagem da mulher em algumas composições do cantor e compositor brasileiro Chico Buarque de Hollanda e, a partir disso, produzir uma matéria especial para a revista *Tpm* acerca do eu lírico feminino exibido em suas músicas.

Desta forma, a matéria aborda três músicas para ilustrar e analisar a figura feminina e os valores atribuídos à mesma. São elas: *Com açúcar, com afeto*; *Folhetim* e *A história de Lily Braun*.

Desde as civilizações mais antigas até as primeiras conquistas da Revolução Industrial, a história da humanidade se baseia em inúmeros personagens masculinos e quando a figura feminina é citada nas artes, é exibida como um objeto a ser contemplado, jamais como sujeito da ação. Já as composições buarquinas, se caracterizam pela exploração de assuntos que, até então, eram indiscutíveis na década de 70. Chico dá voz às mazelas vividas pelo indivíduo pobre, à indignação dos brasileiros acerca da Ditadura Militar e ao universo feminino. Por vezes, se valeu deste último objeto em suas músicas para protestar, de maneira subliminar, contra a repressão instaurada pelo Golpe Militar na década de 60, para que as mesmas não fossem censuradas. Assim, o compositor passa a desvendar o campo dos sentimentos femininos sob a ótica da própria mulher, onde brinca com a construção de diferentes personalidades, deixando para trás aquela trajetória silenciosa que a mulher vivera.

Nesta matéria, as páginas são acompanhadas por fotos do artista, depoimentos de mulheres que se identificam com o compositor e de acadêmicos que possuem conhecimento sobre o tema abordado. Com isso, procura-se trazer para o leitor a voz feminina de algumas canções de Chico de maneira leve, simples e de fácil compreensão.

Ao entrevistar mulheres e comparar suas experiências de vida às realidades descritas nas músicas do autor, nota-se a similaridade dos dois eventos. As composições buarquinas, então, se apresentam como um espelho poético das

emoções femininas, já que em algum momento da vida as brasileiras se identificam com o que o compositor expressa em suas músicas, tornando essas letras a narrativa de uma feminilidade que grita.

1.1 OBJETO

Matéria especial *“Direi meias verdades sempre à meia luz”*, sobre a voz feminina nas composições de Chico Buarque de Hollanda.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 GERAL

Este trabalho tem como objetivo colocar em perspectiva a imagem feminina das canções de Chico Buarque sob diferentes ângulos por meio da produção de uma matéria especial para a revista *Tpm*. Para isso, serão analisadas três músicas: *Com açúcar e com afeto*; *Folhetim* e *A história de Lily Braun*.

1.2.2 ESPECÍFICOS

- Contextualizar o leitor sobre o universo musical feminino de Chico Buarque em um texto claro e dinâmico.
- Identificar e compreender o eu lírico feminino das músicas escolhidas sob a perspectiva de mulheres contemporâneas.

- Elaborar uma visão esférica sobre a mulher cantada pelo compositor à luz de acadêmicos.

2. JUSTIFICATIVA

Neste ano, o cantor, compositor e escritor Chico Buarque de Hollanda completa setenta anos de vida e para homenageá-lo a matéria especial apresenta uma nova abordagem sobre suas canções de eu lírico feminino. Para exemplificar, foram escolhidas três músicas femininas que apresentam as personagens em situações distintas: *Com açúcar e com afeto*; *Folhetim* e *A História de Lily Braun*. A matéria se restringe a discorrer somente sobre o universo feminino de suas músicas para que leitor se depare com uma análise crítica mais aprofundada.

A matéria especial é vinculada à revista *Tpm* que, em meio às diversas revistas brasileiras voltadas ao público feminino, se caracteriza por enfatizar a importância da mulher e as complexidades vividas por ela sob uma ótica transparente e crítica.

A figura da mulher é presente em tantas músicas do artista que se torna interessante mensurar a identificação das mulheres contemporâneas com o íntimo das que são apresentadas nas canções. Em suas letras, Chico Buarque desmistifica a mulher, o amor e a relação entre os sexos. Na canção *Com açúcar e com afeto*, por exemplo, é notável essa desmistificação, pois evidencia o problema feminino, o confronto entre o homem e a mulher. É curioso, também, observar a figura feminina em todas essas composições e utilizá-las, de forma sutil e delicada, como ponto de partida para discussão das facetas da mulher perante a sociedade.

3. METODOLOGIA

3.1 PRÉ – PRODUÇÃO

O surgimento do tema proposto e a decisão de produzir uma matéria especial sobre Chico Buarque de Hollanda se deu ainda na matéria de pré-projeto do sétimo semestre da graduação com o auxílio da professora Cláudia Busato, nossa orientadora.

A grande apreciação pelo caráter social, político e emocional presentes nas composições de Chico Buarque foi o que impulsionou a execução deste trabalho. Suas canções possuem um espaço privilegiado no cenário da MPB. E partir disso, escolhemos estudar o eu lírico feminino de algumas de suas composições.

Antes da consagrada MPB, surgiram outros movimentos musicais como, por exemplo, a bossa nova e a tropicália. Quando estes movimentos faziam referência à mulher em suas músicas a colocavam em voz passiva, como um objeto a ser contemplado. No entanto, em plena década de 70, Chico Buarque apresenta suas canções justamente de forma oposta. Elas libertam a mulher de ser cantada apenas pelos olhos alheios, isto é, Chico dá a ela voz ativa onde consegue expressar em primeira pessoa do singular emoções genuínas de diversos perfis de mulheres.

É impossível não levar em consideração o cenário político – social da década de 70, a ditadura militar estava a todo vapor no Brasil. Assim, inúmeras composições do autor relatam a censura, e muitas das imagens femininas são também representações da sociedade brasileira reprimida pelo regime. Chico dá voz a mulher, dando voz a uma sociedade que até então se via calada.

Ao decidir explorar sobre Chico Buarque de Hollanda notamos que precisaríamos fazer um recorte, pois o compositor traz consigo uma riqueza de conteúdo imensurável. Delimitamos o campo de estudo para a imagem feminina nas composições do artista, porque as mulheres apresentadas em suas letras são

diferentes umas das outras, cada qual com sua complexidade. Assim, unindo a nossa admiração pela obra do compositor e a curiosidade e apreço pelo gênero feminino é que resolvemos produzir esta matéria.

A ideia inicial era apenas fazer uma análise de discurso francesa sobre cinco músicas, mas nas primeiras semanas do mês de março, assim que as orientações com a professora Claudia começaram, mudamos um pouco o rumo. De uma análise de discurso francesa, mudamos para a elaboração de uma matéria especial. As músicas escolhidas foram: *Com açúcar, com afeto*; *Folhetim*; e *A história de Lilly Braun*. Em todas elas, a mulher possui voz ativa e confessa sua realidade cheia de sentimentos e desejos. Essas letras procuram representar o gênero feminino em uma sociedade onde o masculino, muitas vezes, se sobrepõe.

A matéria especial foi idealizada pensando em vinculá-la à revista mensal *Tpm*, já que esta contempla especificamente o gênero feminino com matérias reflexivas acerca de assuntos inerentes à cultura da mulher brasileira. A revista consegue abordar desde assuntos populares, como beleza, aos mais complexos, como o racismo, de maneira original e atraente. Lançada em 2001, pela Editora Trip, a revista alcança hoje um número significativo de leitoras, com tiragem de 50 mil exemplares por mês. Mas sua popularidade não se restringe ao formato físico. Seu site, por exemplo, recebe em média 204.761 visitas por mês. Já no *Twitter*, o perfil @revista_tpm, possui 61.900 seguidores e a página no *Facebook* é acompanhada por 113.209 usuários. Segundo uma pesquisa realizada em 2012 pela empresa especializada Ipsos Marplan, 46% das leitoras de *Tpm* tem entre 18 e 24 anos, 24% tem entre 25 a 34 anos e 26% tem de 35 a 44 anos; 81% pertence às classes sócio-econômicas A e B; 28% possui ensino superior completo e 26% está cursando universidade. Assim, compreende-se que a revista é representada por mulheres jovens que possuem relevante grau de escolaridade e, portanto, um alto senso crítico. O perfil deste público explica a adoção da linguagem de fácil entendimento, mas sem deixar de abordar com profundidade as questões culturais do país. Por todas essas características presentes em *Tpm* é que a matéria especial combina com esta publicação.

A escolha do título “*Direi meias verdades sempre à meia luz*” surgiu quando estávamos analisando algumas das músicas buarquinas, em especial

Folhetim. Nela, a mulher demonstra plena confiança sobre suas vontades e se sente muito à vontade ao expressar isto ao sexo oposto. Esta música, feita para a peça *A ópera do Malandro* se refere a uma prostituta, que persuade e seduz seus clientes por meio das palavras. Ao utilizarmos esse verso como título da matéria, queremos de forma delicada atrair o leitor por meio das palavras e envolvê-lo na progressão do tema abordado.

Para conseguirmos material de pesquisa necessário sobre a vida e obra do compositor, o eu lírico feminino presente em suas canções, movimentos musicais do Brasil e a identidade de gênero feminino-masculino, recorremos ao professor de Antropologia do curso de Comunicação Social, Frederico Tomé, que é um grande apreciador da MPB e, claro, Chico Buarque. Com a ajuda dele tivemos acesso a diversas monografias que tinham como tema o próprio Chico e alguns artigos que dissertavam sobre suas composições. Ao estudar este material, ampliamos nosso conhecimento sobre o tema e fomos em busca de livros que julgamos importantes para elaboração desta matéria. Procuramos referenciais teóricos que abordassem temas como o eu lírico, identidade feminina e jornalismo cultural, com o intuito de embasar o desenvolvimento do produto sugerido.

3.1.2 ENTREVISTADOS

Foram entrevistados acadêmicos que tem conhecimento sobre o campo do gênero feminino/masculino e agregam riqueza ao conteúdo da matéria. Mulheres ativistas deram seus depoimentos, pois a intenção é apresentar o vínculo de suas vivências com as composições buarquinas escolhidas. Optou-se por entrevistar mulheres com a intenção de transmitir empatia com a leitora.

A fim de enriquecer a matéria tanto sob o aspecto musical quanto antropológico foram escolhidos com atenção os colaboradores para esta missão. A começar pelo Professor de Comunicação Social da Universidade de Brasília, Gilberto Gonçalves Costa, mestre em samba e memória musical e Luciana Coló, bacharel em letras, teatro e música e, também, integrante do grupo musical carioca

Mulheres de Chico. Além deles, contribuíram para a produção deste trabalho, a semiótica Flor Lopes e o historiador e antropólogo Frederico Tomé, ambos professores na Faculdade de Comunicação Social do UniCEUB.

No âmbito feminino, as entrevistadas foram a estudante de direito, Thalita Rocha, 23 anos, ativista e protestante; Patrícia Guedes, 32 anos, arquiteta e integrante do grupo *Blogueiras Feministas*; Gabriela Moll, 22 anos, repórter e ativista e, por fim, Milena Fernandes da Rocha, 22 anos, mestranda em Linguística no qual investiga as identidades e representações da mulher vigentes no Estatuto do Nascituro.

3.2 PRODUÇÃO

3.2.1 ENTREVISTAS ONLINE

Optamos por entrevistas online pela falta de disponibilidade dos entrevistados, no entanto, cada entrevista foi de total ajuda para a produção da matéria e conseguiu explorar cada entrevistado de maneira ímpar. As entrevistas estão em anexos.

No dia 04/05 foram produzidos questionários de entrevista. No dia seguinte a proposta de participação na matéria foi feita à Gabriela Moll, Patrícia Guedes, Thalita Rocha e Milena Fernandes da Rocha. No mesmo dia, elas aceitaram colaborar e os questionários foram enviados às participantes via *Facebook* e e-mail. Já no dia 14/05 foi elaborado um questionário diferenciado ao Professor Frederico Tomé. Na noite seguinte, tivemos a ideia de inserir na matéria alguém que tivesse uma relação afetiva muito próxima com as músicas do compositor, de preferência um músico ou cantor, foi quando lembramos do grupo musical carioca Mulheres de Chico, que dedica seu repertório exclusivamente às canções de Chico Buarque. Então, contatamos via *Facebook*, Luciana Coló, uma das fundadoras do grupo. Por fim, os questionários foram respondidos e devolvidos a nós em dias distintos: dia 06/05, Gabriela Moll; 08/05, Thalita Rocha; 11/05, Milena

Fernandes da Rocha; 12/05, Patrícia Guedes; 16/05, Frederico Tomé; 18/05, Luciana Coló.

3.2.2 ENTREVISTAS AO VIVO

Nestas entrevistas, gravadas por áudio, foi criada uma atmosfera informal, para que os entrevistados discorressem à vontade acerca do universo da MPB, Chico Buarque e o gênero feminino, o que fez com que os eventos se tornassem um bate-papo. Foram realizadas duas entrevistas neste formato, uma com a Professora Flor Lopes no dia 15/05, e outra com o Professor Gilberto Gonçalves Costa, no dia 13/05, sendo que o convite de participação feito à Professora Flor ocorreu dois dias antes da entrevista e o convite ao Professor Gilberto, foi feito via *e-mail* cinco dias antes ao seu encontro.

3.2.3 PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

A matéria se divide em três partes. A primeira, produzida no dia 14/05, aborda a música de Chico Buarque e o universo feminino que embala suas canções. O subtítulo desta parte, *E abro meus braços pra você*, é um verso retirado da música *Com açúcar e com afeto*, sugerindo uma aproximação com a leitora.

A segunda parte da matéria, produzida no dia 17/05, explora o campo feminino-masculino, a análise da mulher e do seu papel social. Este momento é exibido pelo subtítulo *Como num romance*, frase retirada da música *A história de Lily Braun*, o que remete ao relacionamento homem e mulher.

Já a terceira e última parte, produzida no dia 15/05, é constituída por algumas falas das ativistas que foram entrevistadas. Com foco no feminismo o subtítulo *Eu te farei as vontades* é um verso retirado da música *Folhetim*, que na

matéria faz alusão à mulher independente, ciente de suas vontades, e capaz de dizer isso ao sexo masculino.

A utilização de trechos dessas canções como subtítulos da matéria propõem uma evolução na fala da mulher: “*E abro meus braços para você, como num romance te farei as vontades*”. A partir disso, as três canções representam três mulheres de perfis diferentes entre si que, ao juntar os versos citados, formam uma única mulher que evolui, a mulher contemporânea.

O conteúdo da matéria foi concluído no dia 18/05, revisado no dia 19/05 e enviado para diagramação no dia 20/05.

3.2.4 DIAGRAMAÇÃO

Por falta de habilidade na diagramação recorreu-se a ajuda externa da publicitária Caren Oliveira, formada pelo Centro Universitário de Brasília.

Optamos por uma diagramação *clean*, de acordo com os padrões da revista *Tpm*, onde o texto é de fácil legibilidade e possui um layout organizado, que por vezes brinca com as cores e “conversa” com o texto ao destacar algumas falas dos entrevistados. Assim, a diagramação de *Direi minhas verdades sempre à meia luz* segue esta fórmula, com o intuito de transmitir ao leitor uma imagem de seriedade, porém moderna e acolhedora. Outro ponto é que as imagens inseridas na publicação ilustram algumas passagens do texto e as letras das músicas, *Com açúcar e com afeto*; *A história de Lily Braun* e *Folhetim*, estão dispostas de maneira estratégica para que o leitor acompanhe com facilidade a relação delas e o texto jornalístico. As imagens utilizadas na matéria foram retiradas do banco de imagens do Google, portanto os créditos das fotos não são de nossa autoria. A diagramação foi concluída no dia 24/05 e o texto pôde ser enviado à gráfica para impressão na manhã seguinte. No dia 26/05 a matéria já estava em nossas mãos.

3.3 PÓS – PRODUÇÃO

Matéria especial, *Direi meias verdades sempre à meia luz*, que consiste na imagem feminina das canções de Chico Buarque de Hollanda, abordando o papel da mulher na sociedade. Matéria vinculada à revista *Tpm*, de público feminino, no mês de junho de 2014, quando o artista celebra seus 70 anos de idade.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 CHICO BUARQUE DE HOLLANDA

Chico Buarque de Hollanda nasceu no Rio de Janeiro em 19 de junho 1944. É filho do historiador paulista Sérgio Buarque de Hollanda e de Maria Amélia Alvim Buarque de Hollanda, que era professora de piano e foi a responsável por iniciar Chico no mundo musical.

Chico mudou-se com a família em 1946 para São Paulo, onde viveu a maior parte de sua infância e adolescência. Desde o período escolar ele era conhecido por suas crônicas que publicadas no jornal da escola que estudava, o Colégio Santa Cruz. Para ele, os grandes escritores Guimarães Rosa e Oswald de Andrade, foram os responsáveis por despertar seu interesse pela escrita.

Em 1953, Chico e sua família se mudaram para Itália, onde seu pai passou a dar aulas na Universidade de Roma. Já de volta a São Paulo, ele começa a compor pequenas músicas que cantava com suas irmãs, com isso a música passou a ser um elemento presente no dia a dia.

Em 1963, Chico presta vestibular e ingressa na faculdade de arquitetura e urbanismo da Universidade de São Paulo e lá participa de diversos movimentos estudantis, mas devido ao seu envolvimento intenso com a música, não chegou a concluir o curso. Ainda em 1963, Chico faz participação no seu primeiro musical, o *Balanço de Orfeu*, com a música *Tem mais Samba*, que foi o ponto de partida para sua carreira na música brasileira.

Sua primeira apresentação na televisão aconteceu no programa *Fino da Bossa* comandado por Elis Regina, já início da Ditadura Militar no Brasil. Em 1965, é lançado seu primeiro disco compacto, conquistando o reconhecimento do público.

Nara Leão canta *A banda* escrita por Chico Buarque e vence o Festival de Música Popular Brasileira em 1966. Chico chega à consagração pública com seu sucesso da época. Nesse mesmo período é lançado o primeiro disco de vinil de

Chico Buarque e acontece também seu casamento com a atriz Marieta Severo, com quem teve três filhas.

Chico continua crescendo na Música Popular Brasileira e em 1967 se muda pra São Paulo novamente onde lança seu segundo disco de vinil e escreve a peça Roda Viva que ganha o terceiro lugar no III Festival de Música Popular Brasileira. Chico alcança o primeiro lugar no III Festival da Canção, em 1968, com a canção Sabiá, feita em parceria com Tom Jobim.

No dia 26 de junho daquele ano, no Rio de Janeiro, ele participa da Passeata dos Cem Mil, uma manifestação de estudantes, intelectuais e diversos setores de atividade da população contra a violência. Segundo Ricardo Cravo Albin:

Não foi à toa que as artes e, no nosso enfoque particular, a Música Popular Brasileira sofreram tanto com a censura naqueles anos. Ocorre que algumas expressões da MPB vinham justamente buscando um resgate de nossas raízes e de nosso imaginário mais genuíno. Mas foram também visados por denunciarem e mesmo revelarem – para “um Brasil que então e (ainda hoje) não conhece o Brasil” – a penosa situação da maioria pobre de nossa população. Como bem demonstraram os festivais da canção, uma boa parte da MPB se colocou como um bastião de resistência, uma referência teimosa, corajosa, esperançosa, como a dizer que ditadura nenhuma pode calar a todos para sempre. (2003,p.285.)

Em 13 de dezembro de 1968 era promulgado o Ato Inconstitucional número 5, mais conhecido como AI-5, considerado o marco do endurecimento do regime militar. O AI-5 foi a demonstração de que a ditadura militar no Brasil usaria da repressão acentuada para conter a crescente oposição da sociedade e principalmente dos estudantes. E de acordo com Chico Buarque:

A partir do AI-5, as coisas mudaram. “Eu morava lá há uns dois anos no Rio quando baixaram o AI-5, aquele clima horrível na cidade, todo mundo falando fulano foi preso, fulano sumiu. Um belo dia, acordo com a polícia no meu quarto. O AI-5 foi dia 13 de dezembro, isso foi lá pelo dia 20, antes do Natal. Aí me levaram. Eram civis. Entraram no meu quarto, lembro da cara do zelador. Acho que a empregada abriu a porta. Aqueles caras chegaram lá com medo que eu fugisse para algum lugar. Estavam afoitos, aí viram que não tinha problema. Me vesti e saí com ele. O carro não era de polícia, tinha chapa fria e eles me levaram pra praça 15.(apud ZAPPA,1999,p.100.)

Chico Buarque encantou o Brasil com sua sutileza poética, assim, as letras deixam de ser apenas cantadas e passam também a ser motivo de comentários valorosos. São composições que contam uma realidade vivida por inúmeras pessoas. Desde as canções de repressão, que assumiram um tom de ameaça aos militares, em que algumas criticam a presente realidade sem perspectiva de futuro e outras clamam por um futuro libertador, propondo o cidadão como um ser livre da opressão, da pobreza e da falta de cultura.

O compositor despontou no cenário musical brasileiro e tornou-se um representante do povo na MPB, mas isso não se deve somente as suas composições brilhantes. A performance, o ato de interpretar, através de sua voz e seu comportamento no palco o consagraram. Segundo David Treece:

A canção popular é claramente muito mais do que um texto ou uma mensagem ideológica [...] ela também é performance de sons organizados, incluindo aí a linguagem vocalizada. O poder significativo e comunicativo desses sons só é percebido como um processo social à medida em que o ato performático é capaz de articular e engajar uma comunidade de músicos e ouvintes numa forma de comunicação social. (2000,p.128.)

A partir dessa fala, a performance configura um processo social que é de extrema importância para a realização da música. Marcos Napolitano defende:

Por sua vez, a análise do papel da performance em música popular é inseparável do circuito social, no qual a experiência musical ganha sentido, e do veículo comunicativo, no qual a música está formatada, constituindo um verdadeiro conjunto de ritos performáticos. (2002,p.86.)

Chico Buarque usou de metáforas e ironia em suas performances cativando os milhares de brasileiros e dando voz aos que não tinham, cada palavra cantada de maneira harmoniosa em uma melodia envolvente e uma voz com peso e realidade faziam dele a voz do povo. Segundo Flávia Broccheto Ramos:

Na música popular de Chico Buarque de Hollanda, encontram-se muitas vozes que constituem a sociedade brasileira. Vozes daqueles que, em princípio, não têm voz, que são calados pela repressão emocional, social, econômica e política. Vozes daqueles que não conseguem dizer, dos que

são marginalizados no sistema. A obra de Chico é plural pelos diversos enfoques que ela acolhe e revela e também pelas visões assumidas tanto da condição feminina como da masculina. (2006,p.147.)

Chico Buarque registrou mais de 300 músicas em seu repertório, com 35 discos gravados. É válido ressaltar a presença de um lirismo feminino nas canções buarquinas. Chico é um compositor que se utiliza de várias facetas para elaborar suas canções onde suas letras passam a ser atemporais, tendo caráter social, político e emocional. Suas canções estão ligadas a vivência de emoções e a identificação dela com o público que as cantam. As canções buarquinas representam parte da necessidade de se expressar de um grupo que não tem voz por si mesmo, e isso não diz respeito somente a Ditadura Militar no Brasil, mas as repressões diárias vividas por milhares de brasileiros, em quem a causa não é somente o governo, mas o cônjuge, o chefe, os irmãos, ou seja, a própria sociedade. Chico representa em suas composições um Brasil de maneira realista.

4.2 O FEMININO

O conceito sobre os gêneros homem e mulher vem sendo construído com o passar dos anos possuem uma carga histórica e social de peso gigante. A mulher é vista como objeto de desejo e admiração, musa de tantos compositores, escritores e artistas se sobressai no Romantismo no século XVIII como um ser excessivamente submisso ao amor. A mulher carrega o peso do destino que lhe é imposto há décadas pela sociedade, o papel de amar, sofrer e perdoar, não lhe dando o livre arbítrio de escolher as diversas possibilidades de um destino que se contrapõe com o idealizado por uma sociedade ainda machista. Segundo Eloá Jacobina e Maria Helena Kühner:

Na interação homem/mulher a que nos referimos, o elemento que mais chama atenção é o uso sistemático do poder do primeiro sobre a segunda, bem como o abuso da autoridade que desse poder decorre. Em tal contexto, eventuais desvios ou contestações às regras preestabelecidas, quando os há, tem tido como efeito derivado confirmar/reforçar valores

padrões tradicionais, mostrando, por meio dos contrastes e das sanções, a dificuldade de se sobreviver fora dos quadros fixados pela tradição e pelo costume. A experiência tem comprovado que qualquer infração à ordem estabelecida nesse campo da relação humana tende a desencadear reações orquestradas de modo a restabelecer a qualquer custo a ordem institucional ameaçada. (1998,p.96)

Ao longo do tempo construímos um eterno embate entre razão e emoção, onde a razão sempre é tida como vitoriosa. Seguindo essa lógica infundida na cultura ocidental, o masculino sempre leva vantagem em relação ao feminino, pois associamos a razão com a masculinidade. O que tudo isso nos mostra é que a mulher possui um papel tradicionalmente reservado onde o feminino é visto como coadjuvante e não como protagonista.

Chico Buarque usa suas canções para dar voz às mulheres e, ao mesmo tempo, potencializar suas narrativas de vida. As canções do compositor são atemporais, representando tanto a sociedade brasileira de hoje como à de décadas atrás. Nas músicas buarquinas a mulher deixa de ser idealizada como no romantismo, ou até mesmo nos movimentos musicais que antecederam a MPB, como a Bossa Nova, no qual a mulher era representada sempre em terceira pessoa e tida como um ser angelical, o que escapa da realidade.

Por volta de 1966 surge a Tropicália, movimento musical constituído por jovens com uma linguagem musical que mais se assemelhava a realidade, ferindo os padrões convencionais da sociedade. Segundo Luiz Augusto de Moraes Tatit:

O tropicalismo identificou e prestigiou os traços da cultura brasileira que emanavam das manifestações habitualmente recalcadas ou rejeitadas pelos grupos de demarcação. Transitou pelo rock, internacional, pelo, iê, iê, iê local, pelo “brega”, pelo experimentalismo músico-lietrário, pelo folclore e solidificou esse ajuntamento com a imagem da “geleia geral brasileira”.(2004,p.57.)

Gilberto Gil e Caetano Veloso foram precursores do tropicalismo, buscando nova postura política e novas estéticas musicais, propondo uma revisão crítica da cultura brasileira e ampliando os horizontes da Música Popular Brasileira. Em suas músicas, Caetano Veloso insinua o que de fato seria a mulher “ideal”, um ser social, que não está mais reduzido ao lar, como tratada na literatura. No entanto,

as canções desses movimentos musicais ainda enalteciam apenas qualidades corporais femininas e o eu-lírico permanecia sem voz.

A poética buarquina não enaltece o corpo feminino, mas reveste a mulher de pleno poder de fala, as canções de Chico priorizam a voz da mulher, tornando-o pioneiro no lirismo feminino ao tratar do comportamento feminino em suas composições. Suas músicas mostram a figura feminina como mulheres reais e não como mulheres idealizadas romanticamente, não são mais musas inspiradoras, objetos de desejo, mas sujeito da ação criadora. Segundo Maria Helena Sansão Fontes:

Como poeta do seu tempo, ele é consciente da condição da mulher na sociedade, da operação oriunda de situações econômicas e culturais, refletindo nas relações conjugais e também do fascínio, encanto e atração feminina que redundam em prazeres físicos e espirituais na relação homem/mulher.(2003,p.10.)

As mulheres representadas por Chico apresentam comportamentos que fogem totalmente aos padrões da sociedade tradicional, o corpo feminino passa a ter um poder que antes era de domínio masculino, afastando a mulher do tratamento diferenciado, discriminado e, muitas vezes injusto que tem pesado sobre ela.

As canções de Chico sempre tem a mulher como protagonista, a primeira canção buarquina onde a protagonista era uma mulher foi na música *Com açúcar, com afeto* feita por encomenda para Nara Leão, musa da Bossa Nova e que também aderiu ao Tropicalismo.

A música corresponde a submissão excessiva da mulher, ao estereótipo da mulher doméstica, é a primeira representação crítica do feminino na sociedade. A mulher começa a ter poder de voz, começa a falar da situação em que vive.

O feminino é responsável por todas as tarefas da casa, enquanto o masculino vai à caça, vive sua vida como bem lhe apraz e ao voltar a mulher assume seu papel de esposa que o espera sem perguntas e sempre cheia de mimos e cautela. A composição traz pra si a voz das oprimidas por esse modelo contemporâneo ainda patriarcal, onde a mulher carrega sobre si a responsabilidade

da casa quando o homem age de maneira leviana e irresponsável, mas a ele cabe exatamente esse papel, gerando uma opressão contínua quanto ao papel da mulher.

Segue a letra da música *Com açúcar, com afeto*:

COM AÇÚCAR, COM AFETO

Com açúcar, com afeto
Fiz seu doce predileto
Pra você parar em casa

Qual o quê
Com seu terno mais bonito Você sai, não acredito
Quando diz que não se atrasa

Você diz que é operário
Sai em busca do salário
Pra poder me sustentar

Qual o quê
No caminho da oficina
Existe um bar em cada esquina
Pra você comemorar
Sei lá o quê

Sei que alguém vai sentar junto
Você vai puxar assunto
Discutindo futebol

E ficar olhando as saias
De quem vive pelas praias
Coloridas pelo sol

Vem a noite e mais um copo
 Sei que alegre 'ma non troppo'
 Você vai querer cantar

Na caixinha um novo amigo Vai bater um samba antigo
 Pra você rememorar

Quando a noite enfim lhe cansa
 Você vem feito criança
 Pra chorar o meu perdão

Qual o quê
 Diz pra eu não ficar sentida
 Diz que vai mudar de vida
 Pra agradar meu coração

E ao lhe ver assim cansado
 Maltrapilho e maltratado
 Ainda quis me aborrecer

Qual o quê
 Logo vou esquentar seu prato
 Dou um beijo em seu retrato
 E abro meus braços pra você.

(CHICO BUARQUE, 1966).

Na canção *Folhetim* o comportamento da mulher desvia-se dos padrões que a sociedade impõe. A personagem busca o prazer sexual e fala sobre ele com seus parceiros, ou seja, a mulher não é mais caracterizada como objeto e assume comportamentos antes caracterizados como masculinos, a exposição do desejo feminino quebra paradigmas estabelecidos por décadas e revoluciona o discurso sexual feminino na década de 70.

Segue a letra da música *Folhetim*:

FOLHETIM

Se acaso me quiseses
Sou dessas mulheres
Que só dizem sim
Por uma coisa à toa
Uma noitada boa
Um cinema, um botequim

E, se tiveres renda
Aceito uma prenda
Qualquer coisa assim
Como uma pedra falsa
Um sonho de valsa
Ou um corte de cetim

E eu te farei as vontades
Direi meias verdades
Sempre à meia luz
E te farei vaidoso, supor
Que és o maior e que me possuis

Mas na manhã seguinte
Não conte até vinte
Te afasta de mim
Pois já não vales nada
És página virada
Descartada do meu folhetim.

(CHICO BUARQUE, 1978).

Algumas pessoas dizem que a personagem de *Folhetim* é uma prostituta, porém em nenhum trecho da música essa afirmação se faz clara, a mulher representada não necessariamente é uma prostituta e ao vê-la como prostituta é notável a visão tradicional e machista da sociedade que impõe comportamentos femininos para mulheres em geral. Nessa música a mulher não está oculta, mas tem voz ativa, não é mais uma personagem à margem da história, dessa vez ela surge em cena sem ter o desempenho masculino como ponto de referência, mas suas vontades e prazeres, ela mesma é a protagonista.

Em primeiro lugar, o ocultamento da mulher pelo homem, ao longo de toda a história da humanidade, não aconteceu por acaso nem, muito menos, por uma “perversidade natural” do homem que assim estaria inclinado, desde o início da relação, a situá-la como agente do pecado e da tentação, tal como se anuncia no Velho Testamento. De outro lado a influência da tradição sempre foi reforçada e, em certa medida, continua sendo até hoje pela religião, instituição de mercado caráter conservador, no que diz respeito à mulher, qualquer que seja a roupagem que ela tenha assumido, ao longo da história. E, por fim, é preciso lembrar que a mulher – objeto e alvo de discriminação - , com o passar do tempo, transformou-se, ela mesma, num agente de reprodução do sistema, cooptada pela ideologia paternalista, que tem como premissa a legitimidade da autoridade masculina sobre o conjunto da sociedade. (Jacobina e Kühner, 1998, p.99.)

Chico não trata o desejo sexual feminino como pecado, mas como algo normal, ele iguala a mulher ao homem, fazendo com que ela possa ter vontades e desejos que eram vistos como unicamente masculinos, e não só isso, mas ele dá o poder de falar sobre esses desejos em uma voz ativa saindo do controle do ser masculino e deixando a mulher antes ocultada agora exposta a uma sociedade tradicionalista. As canções buraquinas permitem a mulher sair da sombra do homem sem sentir culpa ou receio, mas agora ela tem poder de fala, indo de encontro a ideais religiosos e tradicionais.

A mulher carrega um destino imposto pela sociedade de ser mãe e dona de casa, prezar pelo que é seu e cuidar sempre de tudo e todos ao seu redor, quando na realidade ela passa a ser refém de um papel que lhe é destinado de maneira que a desvaloriza como pessoa, indivíduo, e não permite com que ela tenha tempo pra suas vontades e desejos, fazendo com que o feminino passe a ser um objeto facilitador na vida do masculino.

As representações de mulher vem mudando consideravelmente nos últimos anos. Deixa de lado o modelo da dona de casa recatada e passa para o da executiva liberada. Essa passagem está se fazendo por meio da aproximação da antiga representação de mulher ao modelo de masculinidade originário da sociedade patriarcal. (Jacobina e Kühner, 1998, p.152)

As imagens femininas expostas nas composições de Chico fazem parte das representações sociais do que se convencionou chamar de comportamento feminino. Segundo Adélia Bezerra de Meneses (2006, p.103): *“No entanto, o poeta não fala apenas da mulher, ou à mulher. Assumindo o eu lírico feminino, ele fala como mulher. E de um ponto de vista, por vezes, espantosamente feminino.”*

É notória as diversas temáticas nas músicas buarquinas, sempre relacionadas ao comportamento feminino, comportamentos que se desviam dos padrões estabelecidos pela sociedade para a mulher. Chico faz com que a mulher tenha voz e passe a se expor sem constrangimentos, caracterizando uma mulher que assume uma postura de viver o que seria seu oposto, incorporando aspectos vistos como masculinos, sem deixar de lado o sentimentalismo e a feminilidade enfim, sem masculinizar-se.

A canção *A história de Lily Braun*, fez parte da trilha sonora do espetáculo musical brasileiro *O grande circo místico*, de 1983, criado para o Balé do Teatro Guaíra e que obteve grande êxito, sendo assistido por mais de 200 mil pessoas e sendo apresentado não só no Brasil, mas também em Portugal.

A música representa a história da mulher que tem uma vida autônoma e independente, no entanto ela espera e sonha com um amor, e ao aparecer esse amor, no momento da conquista as coisas fluem como ela de fato almeja, a mulher é conquistada e cortejada aos poucos, porém no decorrer da canção conforme a mulher vai se entregando a esse sentimento e mais para o final quando surge um pedido de casamento e a personagem aceita toda a conquista chega ao fim, o romance e todas as outras regalias que o homem proporcionava a ela não acontecem mais, resultando na última frase da composição: *“Nunca mais feliz”*.

Chico construiu a representação feminina com liberdade, a mulher com uma vida independente, porém representou também a dependência que o feminino possui na necessidade de amar e ser amada até mesmo quando isso lhe causa

infelicidade, não o amor, mas a carência de um ser que o represente. Lily Braun como uma estrela da noite, dos cabarés como é perceptível na letra da música, abandonou tudo pelo homem dos sonhos que ao tê-la na posição de esposa passa a tratá-la de maneira patriarcal, não a reconhecendo como pessoa, mas como indivíduo que exerce uma função de obrigação e, portanto, não cabe mais a ele a conquista e os mimos, pois a mulher passa a assumir uma posição que lhe é imposta pela sociedade, onde há deveres a serem cumpridos e onde ela como mulher assume um papel de coadjuvante e volta a se ocultar.

É notória a realidade da música com a realidade vivida por milhares de mulheres em pleno século 21. Mulheres que alcançam sua plenitude como mulher, mas que ao imergirem em um relacionamento patriarcal impedem sua realização continua como indivíduo, gerando uma insatisfação silenciosa que permeia não só o casamento, mas a vida. Segue a letra da música *A história de Lily Braun*:

A HISTÓRIA DE LILY BRAUN

Como num romance
 O homem dos meus sonhos
 Me apareceu no dancing
 Era mais um
 Só que num relance
 Os seus olhos me chuparam
 Feito um zoom

Ele me comia
 Com aqueles olhos
 De comer fotografia
 Eu disse cheese
 E de close em close
 Fui perdendo a pose
 E até sorri, feliz

E voltou
 Me ofereceu um drinque

Me chamou de anjo azul
Minha visão
Foi desde então ficando flou

Como no cinema
Me mandava às vezes
Uma rosa e um poema
Foco de luz
Eu, feito uma gema
Me desmilinguindo toda
Ao som do blues

Abusou do scotch
Disse que meu corpo
Era só dele aquela noite
Eu disse please
Xale no decote
Disparei com as faces
Rubras e febris

E voltou
No derradeiro show
Com dez poemas e um buquê
Eu disse adeus
Já vou com os meus
Numa turnê

Como amar esposa
Disse ele que agora
Só me amava como esposa
Não como star
Me amassou as rosas
Me queimou as fotos
Me beijou no altar

Nunca mais romance
Nunca mais cinema
Nunca mais drinque no dancing
Nunca mais cheese
Nunca uma espelunca
Uma rosa nunca
Nunca mais feliz

(CHICO BUARQUE, 1983).

As composições de Chico Buarque de Hollanda possibilitaram uma nova perspectiva sobre a mulher. deu a oportunidade de fala, mas também foi o responsável por dar a voz e fazer de suas canções representações poéticas e cantadas de uma realidade vivida e ocultada ou ignorada por uma sociedade em peso.

4.3 PANORÂMA DO JORNALISMO CULTURAL CONTEMPORÂNEO

O jornalismo cultural, que abrigou nomes de grande peso intelectual nos Estados Unidos (como Gore Vidal, Jhon Updike, Norman Mailer, etc) e na Europa (como Umberto Eco, Mario Vargas Lhosa e Robert Maggiori) vem perdendo espaço por diversos motivos. Hoje, alguns trabalhos de jornalismo cultural são formatados diretamente para livros, como coletâneas de ensaios e críticas. Outros produtos vão diretamente para internet em sites especializados em literatura e artes, por exemplo.

No Brasil, esse panorama também é semelhante. Os textos do legítimo jornalismo cultural que têm como característica apresentar uma análise crítica bem argumentada sobre determinado assunto e incitar o público a refletir sobre ele já se tornaram escassos. Atualmente, isso ocorre com os cadernos culturais diários que se encontram cada vez mais supérfluos. Além de dar importância exacerbada às celebridades, o espaço para discorrer sobre críticas mais fundamentadas é limitado e nota-se, também, cada vez mais a postura em restringir-se à divulgação de

agenda de eventos da semana, elaboração de resenhas e assuntos voltados para o consumo. Exemplos disso, são os cadernos culturais da Folha de São Paulo e do Correio Braziliense.

Segundo o jornalista Daniel Piza (2003), os cadernos semanais deixam a desejar porque, muitas vezes, seus textos enxutos se assemelham ao do jornalismo diário ou quando não o são, a editoria recorre à encomenda de resenhas de especialistas e professores universitários que, apesar de específicas e detalhadas, podem ser cansativas e pouco esclarecedoras em razão da linguagem acadêmica rebuscada. “Jornalismo é dosagem. Temas ditos eruditos podem ser tratados com leveza, sem populismo; e temas ditos de entretenimento podem ser tratados com sutilezas, sem elitismo” (PIZA, 2003, p. 58)

A jornalista Marília Scalzo (2003, p. 41) também evidencia a importância do jornalismo cultural preservar sua essência crítica, ainda mais quando este for veiculado em revistas.

E as revistas? Não dá para imaginar uma revista semanal de informações que se limita a apresentar para o leitor, no domingo, um mero resumo do que ele já viu e reviu durante a semana. É sempre necessário explorar novos ângulos, buscar notícias exclusivas, ajustar o foco para aquilo que se deseja saber, e entender o leitor de cada publicação. Mas redações de jornais ou de telejornais, quando acontece um terremoto, por exemplo, tudo treme. É preciso correr e dar a notícia em cima da hora. Nas revistas, a redação não treme. Ou treme bem menos. Se for para falar do terremoto, será necessário descobrir o que ninguém sabe sobre ele, explica-lo de forma diferente.

Outro viés atual que Piza (2003) questiona é a falta de inovação acerca de temas populares como futebol e gastronomia. Para ele, é possível fazer novos questionamentos e abordar de maneira diferente aqueles assuntos que são de conhecimento da massa. Seja sobre moda ou até mesmo sobre um ídolo, o jornalismo cultural deve trazer uma nova reflexão aos leitores afinal eles recebem ao longo da vida, dezenas de vezes as mesmas informações. É isto que a matéria especial em questão busca atender. Ao falar sobre as músicas de um artista tão conhecido, almeja-se enriquecer o artigo com uma nova reflexão sobre ele.

Chico Buarque é um artista considerado de nível intelectual elevado, começando por suas letras em início de carreira que descreviam e denunciavam de maneira original e poética a angústia que o período da ditadura militar causava na sociedade brasileira na década de 60. Ao colocar o artista e suas composições de lirismo feminino como tema central da matéria especial, vinculada à revista *Tpm*, poderia adotar-se uma abordagem voltada apenas aos conhecedores do assunto afinal a revista possui um público culto, politizado e que, possivelmente, já se identificava ou conhecia a obra do artista com mais detalhes. No entanto, o objeto deste trabalho de conclusão de curso procurou atingir não só aos que já tinham intimidade com o trabalho do artista como, também, aqueles que ainda não o haviam explorado. Para isso, seria necessário trazer um novo olhar sobre o tema tratado, a fim de atender aos amantes de Chico e, também, utilizar uma linguagem envolvente que aguçasse a curiosidade dos leitores distanciados em conhecer melhor a obra do compositor quando chegasse ao término da matéria. Assim, consegue-se oferecer aos leitores um texto que, além de inovador, é democrático e útil, livrando-se de mais um erro do jornalismo cultural contemporâneo observado por Piza: “[...] sente-se que o autor de uma matéria não tem muita familiaridade com o assunto ou fala apenas aos iniciados em seus códigos e gírias.” (PIZA, 2003, p. 63)

Os erros que empobrecem o jornalismo cultural contemporâneo se devem à natural convenção dos veículos em nivelar o estilo do caderno de cultura ao do jornalismo político e econômico. Parágrafos curtos, diagramação sem variações, notícias rasas e muitas matérias promocionais. É o que, por vezes, ocorre no caderno “*Divirta-se*” do *Correio Braziliense*.

Encontrar o equilíbrio necessário na composição jornalística é a chave para abrir espaço cultural nas matérias, aliando a isso inteligência e criatividade. E, ainda, saber identificar o que o leitor procura e atender suas expectativas é fundamental para o sucesso do caderno, pois cultura não acolhe somente erudição pura, mas também, um grande elenco de atividades humanísticas: história, artes, cinema, gastronomia, teatro, arquitetura, etc. “O jornalismo cultural tem esse papel simultâneo de orientar e incomodar, de trazer novos ângulos para a mentalidade do leitor-cidadão.” (PIZA, 2003, p. 117)

Então, é perfeitamente compreensível a importância de melhorar-se o jornalismo cultural, em ser cada vez mais eloquente nos tempos atuais quando todo cidadão é, diariamente, motivado a compreender, discutir e opinar sobre acontecimentos nacionais e internacionais.

Apesar dos inúmeros tropeços quanto a qualidade do jornalismo cultural contemporâneo, as revistas mensais *Bravo!* (extinta em 2013), *Brasileiros*, *Trip/Tpm* e *Cult* apresentam um perfil primoroso, com conteúdo enriquecedor, mesmo que ainda persista “[...] a necessidade de que o jornalismo cultural brasileiro avance, reconquiste uma qualidade perdida, uma importância mais decisiva na formação das pessoas.” (PIZA, 2003, p. 116)

E como já foi dito aqui, são os diversos assuntos que contribuem para a formação dos indivíduos. É, portanto, natural e saudável que o jornalismo cultural se direcione para além da divulgação de produtos e eventos culturais, das entrevistas, das formas de críticas, das personalidades e tendências utilizando, a seu favor, a internet e seus dispositivos móveis que dão agilidade e eficiência ao mundo contemporâneo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta matéria especial nos permitiu observar a dimensão do significado das letras de Chico Buarque e o poder de adaptação das mesmas sobre o tempo real. Como sua obra é imensa, foi necessário reduzir a análise sobre algumas músicas o que nos possibilitou explorar em profundidade o universo feminino e o impacto atual dessas composições na subjetividade de diferentes mulheres brasileiras. A relação entre as músicas do artista e o feminino, expôs o retrato das mulheres de hoje que ainda buscam - até com mais obstinação - a independência emocional, a satisfação de seus desejos e a igualdade de gêneros. Essa postura é exemplificada inclusive nas ruas, onde a popular Marcha das Vadias iniciada em 2011 e que hoje abrange um grande número de seguidores em diversas cidades do País, se manifesta com frequência em prol dos direitos das mulheres por meio das redes sociais ou organizando passeatas. Em tempos em que 58,5% dos entrevistados de uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Aplicada em 2013 concordam que se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros, demonstra que o histórico de submissão ao sexo oposto ainda é muito presente. Devido a esta e outras circunstâncias a que estão vulneráveis, as mulheres contemporâneas buscam ser respeitadas e ouvidas. Chico Buarque, que foi o primeiro músico a ouvi-las ao encarnar suas agonias há décadas atrás, tem este laço de cumplicidade reforçado nos dias atuais e é esta relação que se procurou expor no produto.

Além disso, esta matéria se torna para nós uma resposta à situação em que se encontra o jornalismo cultural de hoje, tão superficial e publicitário. Em *Direi meias verdades sempre à meia luz* são abordados elementos presentes na cultura brasileira (música e gênero feminino) em um texto de vocabulário acessível ao público – alvo, com o objetivo de apresentar a genialidade de Chico em versar sobre o íntimo da mulher de forma tão delicada e atemporal, incitando ao pensamento reflexivo quando apresenta – se a posição de diferentes pessoas acerca das músicas.

Tendo em vista o curto prazo para a elaboração do produto, a matéria se propôs a estudar um pequeno pedaço da obra de Chico Buarque, e assim, supriu as nossas expectativas. Embora curta, a matéria é um registro diferente sobre o impacto que o artista e suas músicas provocam no contexto de vida das mulheres contemporâneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBIN, Ricardo Cravo. **O livro de ouro da MPB**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- CALDAS, Waldenyr. **Iniciação à Música Popular Brasileira**. Rio de Janeiro: Ática, 1989.
- CHICO BUARQUE. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br>. Acesso em: 25 abr. 2014.
- E-BIOGRAFIAS. **Biografia de Chico Buarque de Hollanda**, 11 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.e-biografias.net/chico-buarque>>. Acesso em: 25 mar. 2014.
- FONTES, Maria Helena Sansão. **Sem fantasia: masculino-feminino em Chico Buarque**. 2 ed. Rio de Janeiro: Grafhia, 2003.
- JACOBINA, E.; KUHNER, M.H. (Org). **Feminino/Masculino: no imaginário de diferentes épocas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- JUNIOR, Nelson. **O jornalismo quer que toda mulher seja livre para escolher**. Diário do Sudoeste, 1 jun 2013. Disponível em: <http://www.diariodosudoeste.com.br/noticias/entrevista/27,27224,01,06,ldquo;o-feminismo-quer-que-toda-mulher-seja-livre-para-escolherdquo;shtml>. Acesso em: 5 mai. 2014.
- MPB SAPIENS. **Com açúcar, com afeto: análise poética**, 4 mai. 2009. Disponível em: www.mpbsapiens.com/com-acucar-com-afeto-analise-poetica. Acesso em: 20 mar. 2014.
- NAPOLITANO, Marcos. **História e Música**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- PINTO, Manuel da Costa. **Lirismo e resistência de Chico Buarque**. Cult. Disponível em: <http://www.revistacult.uol.com.br/home/2010/03/lirismo-e-resistencia-de-chico-buarque>. Acesso em: 7 mai. 2014.
- PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.
- PURE PEOPLE. **Biografia de Chico Buarque**. Disponível em: <http://www.purepeople.com.br/famosos/chico-buarque> P2434. Acesso em: 1 abr. 2014.
- RAMOS, Flávia Brocchetto. **Canções de Chico: ludismo e nomeação**. In: Palavra Prima: as faces de Chico Buarque. SEHBE, Ana Mary de Carli; BROCCHETTO, Ramos Flávia, Caxias do Sul-RS (Org.), 2006.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.
- STREY, M. et al. **Construções e perspectiva em gênero**. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

TATIT, Luiz. **O século da canção**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2004.

TRIP EDITORA. <http://revistatrip.uol.com.br/tripeditora/nucleo_trip.php?id=21>
Acesso em 26 abr. 2014

TREECE, David. **A flor e o canhão: a bossa nova e a música de protesto no Brasil (1958/1968)**. Histórias questões e debates. Jun/jul. Curitiba, 2000.

VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

ZAPPA, Regina. **Chico Buarque para todos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

APÊNDICE

ENTREVISTAS COM O PÚBLICO FEMININO

Nome: Thalita Rocha

Idade: 23

Profissão: Estudante

- **Você participa ou já participou de algum movimento feminista? Cite quais.**

Projeto de extensão da Universidade de Brasília, “Promotoras Legais Populares”.

- **As pessoas associam o feminismo como uma guerra entre mulheres e homens. Essa é uma visão correta sobre o movimento feminista?**

Não, o movimento feminista busca uma posição de igualdade de direitos e oportunidades para a mulher dentro da sociedade.

- **Na sua opinião, qual tem sido a maior dificuldade de sobreviver fora dos quadros fixados pela tradição e costumes em relação ao papel da mulher?**

Acredito que nas relações pessoais está a maior dificuldade, é nelas que se manifesta a resistência dos outros à mulher que se liberta da prisão dos “quadros” a que tentam aprisionar essa mulher.

- **Você acredita que ao ir de encontro à ordem estabelecida pela sociedade nesse campo feminino/masculino provoca reações que tendem a qualquer custo restabelecer a ordem “institucional” ameaçada?**

As pessoas tem dificuldades com mudanças, às vezes é necessário invadir certos espaços para que mesmo ao retroceder em alguns aspectos possamos avançar em outros.

- **A fórmula imobilista “homem é homem, e mulher é mulher” traz efeitos negativos suscitados pela ideia de “natureza”, tomada em seu sentido absoluto. De acordo com esse princípio, o desempenho da mulher e do homem na história obedece uma divisão social. Ainda hoje você acredita que tal princípio estabelecido faz com que a mulher em pleno século 21 não saia da sua posição de coadjuvante por medo de quebrar paradigmas ou por ter de fato se tornado coadjuvante?**

A mulher ainda vive sob constante pressão social para viver o “papel” a ela designado. Tendo que suportar jornada dupla ou tripla para corresponder a essas expectativas, ainda falta muita educação para quebrar preconceitos relacionados ao feminismo para que as mulheres aceitem protagonizar sua própria história.

- **A religião influencia ou dificulta o debate sobre o feminismo?**

Eu posso falar sobre o protestantismo que é a minha religião. Sinto que as mulheres protestantes de forma geral tem bastante resistência e pouco conhecimento sobre feminismo. Alguns utilizam a bíblia desempoderar essa mulher e desvalorizam a mulher que de alguma forma quebrou essas regras. Porém, se formos observar, o maior ícone do cristianismo (que foi Jesus) acreditou sempre nas mulheres, enquanto seres humanos, e nunca as desprezou por seu sexo, gênero ou algo semelhante. As barreiras erigidas pela religião são às vezes mais difíceis de combater, pois algumas pessoas se utilizam de preceitos da bíblia descontextualizados para pregar uma dominação infundada sobre a conduta da mulher.

- **A mulher com o tempo foi lutando e alcançando seus direitos como indivíduo, você acha que hoje existe uma reivindicação pontual?**

Acredito que ainda não haja reivindicação pontual, pois mesmo após muitas conquistas, a mulher ainda é considerada objeto sexual do homem, sexo, vulnerável, e enquanto vítima culpada pelo abuso que sofre. Ainda há um longo caminho a percorrer no sentido de empoderamento das mulheres para que possam se mobilizar mais e conscientizar mais. Ainda há também a absorção de movimentos pelas minorias que são abraçados pela causa feminista, o que promove uma expansão nos objetivos do movimento, ou movimentos feministas.

- **Chico defende em suas canções, como em Folhetim, a liberdade sexual da mulher. Você acredita que hoje a mulher pode exercer essa liberdade sexual sem ser vista de maneira pejorativa pela sociedade?**

A sociedade ainda é taxativa em reprimir a sexualidade da mulher, recriminando-a toda vez que esta exerce sua liberdade.

- **Nas canções de Chico, a mulher não é vista como objeto. Nelas, a mulher tem voz ativa, é ciente de suas próprias vontades. Você, como mulher, se sente bem representada nessas canções?**

Sim.

Nome: Patrícia Guedes

Idade: 32 anos

Profissão: Arquiteta

- **Você participa ou já participou de algum movimento feminista? Cite quais.**

Sou integrante do Blogueiras Feministas.

- **As pessoas associam o feminismo à uma guerra entre mulheres e homens. Essa é uma visão correta sobre o movimento feminista?**

De forma alguma. Na verdade, essa é uma opinião bem machista e discriminatória a respeito do movimento. O Feminismo busca, principalmente, a igualdade de condições entre os gêneros, portanto, não há motivos para se falar em “guerra”. Os homens não saem perdendo com a igualdade, como se costuma acreditar. Ao contrário, todos saem ganhando.

● **Na sua opinião, qual tem sido a maior dificuldade de se sobreviver fora dos quadros fixados pela tradição e os costumes em relação ao papel da mulher?**

As mulheres, de forma geral, vêm sofrendo ao longo da história vários tipos de reações e retaliações por desafiarem e contestarem o *status quo*, algumas bastante violentas. As estatísticas de violência contra as mulheres, além de não terem retrocessos significativos ao longo dos anos, mostram que o grau de brutalidade aumentou em alguns casos. O curioso é que não apenas as que questionam seus papéis sociais são vítimas. Além disso, a violência também pode ser praticada por instituições, tornando as mulheres ainda muito vulneráveis na sociedade. Desta forma, acredito que a violência contra a mulher seja a maior dificuldade que temos, independente de estarmos desempenhando o que esperam de nós ou não.

● **Você acredita que ao ir de encontro à ordem estabelecida pela sociedade nesse campo feminino/masculino provoca reações que tendem a qualquer custo restabelecer a ordem “institucional” ameaçada?**

Sim. Como já disse anteriormente, as reações para se manter o *status quo* são inevitáveis e, não raro, violentas. O machismo é estrutural e pressupõe poder de um grupo sobre o outro, tendo homens cissexuais como maiores beneficiários. O Feminismo busca uma revisão sobre esses valores presentes na sociedade de forma que a mulher possua igualdade de condições. Sabemos que o patriarcado não faz concessões, todos os avanços até o momento foram conquistas feministas. Logo, haverá uma reação social. Um bom exemplo é o de que as mulheres chegaram ao mercado de trabalho, mas ainda ganham cerca de 30% menos que um homem, desempenhando a mesma função.

- **A fórmula imobilista “homem é homem, e mulher é mulher” traz efeitos negativos suscitados pela ideia de “natureza”, tomada em seu sentido absoluto. De acordo com esse princípio o desempenho da mulher e do homem na história obedece uma divisão social. Ainda hoje você acredita que tal princípio estabelecido faz com que a mulher em pleno século 21 não saia da sua posição de coadjuvante por medo de quebrar paradigmas ou por ter de fato se tornado coadjuvante?**

É bastante comum atribuir às próprias mulheres a responsabilidade por não terem direitos iguais na sociedade, quando, na verdade, existe uma estrutura machista que fomenta essa desigualdade. Dito isso, é importante esclarecer que a divisão social existente não deve se basear em argumentos biológicos, supondo que a mulher é biologicamente inferior. Além de invisibilizar todas as mulheres trans*, esse argumento mostra-se impreciso quando aplicado a diferentes realidades. Na Índia, por exemplo, a mulher também é colocada socialmente em posição inferior assim como no Ocidente. Porém, diferente da forma como vemos por aqui, lá a mulher não é o sexo frágil, mas sim o indivíduo com mão grosseira e sem refinamento. Não raro há mulheres por lá trabalhando na construção civil e em atividades pesadas, já que o trabalho que exige mais cuidado e refino é desempenhado por homens. Portanto, vemos que a posição social a mulher tem mais a ver com uma estrutura social machista e opressora, camuflada por um argumento biologizante falho, excludente e inválido.

- **A religião influencia ou dificulta o debate sobre o feminismo?**

A meu ver, as religiões existentes hoje praticamente inviabilizam o debate, visto que o Brasil é, por definição constitucional, um estado laico, porém nem sempre é o que vemos na prática. De uma maneira geral, religiosos tolhem e objetificam a mulher, submetendo – a ao jugo do marido, do pai ou do homem presente na família. A mulher não é vista como um ser dotado de autonomia (inclusive reprodutiva) e não tem valor a menos que se submeta a regras machistas estabelecidas em sociedades totalmente anacrônicas em relação aos dias de hoje. No entanto, como o Feminismo e suas formas de militância são múltiplos, já existem grupos cuja proposta é agregar a religião à luta pelos direitos das mulheres. Um exemplo é o grupo Católicas pelo

Direito de Decidir, que luta principalmente pela autonomia reprodutiva e sexual das mulheres.

• **A mulher com o tempo foi lutando e alcançando seus direitos como indivíduo, você acha que hoje existe uma reivindicação pontual?**

Não. As conquistas feministas todas foram muito importantes para o papel social da mulher. Porém, ainda estamos muito longe de nos posicionarmos de forma igualitária na sociedade. Além disso, a percepção de outras condições relativas às mulheres vinda do diálogo entre vários segmentos feministas fez com que hoje o Feminismo seja mais múltiplo, mais diverso e tenha muitas bandeiras relacionadas às diferentes realidades das mulheres, de forma a abarcar interseccionalidades. Exemplos são o Transfeminismo, que luta pela dignidade de pessoas transgêneras, o Feminismo Negro, que luta pelo fim do racismo e pela inserção igualitária da mulher negra na sociedade, além de grupos que militam pelos direitos de mulheres mães, lésbicas, bissexuais, com deficiência, entre outros.

• **Chico defende em suas canções, como em Folhetim, a liberdade sexual da mulher. Você acredita que a mulher hoje pode exercer essa liberdade sexual sem ser vista de maneira pejorativa pela sociedade?**

Não. Apesar de todas as conquistas nos campos sexual e reprodutivo que tivemos desde a década de 60, ainda há muito trabalho pela frente. A mulher é vista ainda de forma bastante objetificada, tendo sua sexualidade restrita e reprimida nas esferas física e psicológica. Em alguns países, a sexualidade feminina não é bem vista, resultando em restrição de vestimentas (como é o caso das burcas) até em mutilação genital para extirpação do clitóris. Aqui no Brasil, a mulher que exerce sua sexualidade de forma plena também não é vista com bons olhos. Há julgamentos de toda ordem, desde o tipo de roupa que se veste até a quantidade de parceiros sexuais. Isso é prejudicial até mesmo por naturalizar crimes sexuais, nos quais frequentemente as mulheres são culpabilizadas e questionadas pela forma como estavam se portando. Finalmente, conseguimos a pílula anticoncepcional, mas a descriminalização do aborto ainda é uma realidade distante no Brasil. Por causa disso, milhares de mulheres morrem anualmente, vítimas de abortos malfeitos e/ou

malsucedidos. Além disso, não é difícil vermos notícias de mulheres detidas por procurarem clínicas clandestinas. Essa postura governamental é quase uma política de feminicídio e é bem ilustrativa do que ainda nos resta conquistar.

- **Nas canções de Chico, a mulher não é vista como objeto. Nelas, a mulher tem voz ativa, é ciente de suas próprias vontades. Você, como mulher, se sente bem representada nessas canções?**

De forma geral, sim. Considero que Chico Buarque componha canções que representam mulheres universais, que vivem problemas cotidianos de forma autônoma. Outro ponto que destaco é que Chico às vezes faz recortes femininos sociais inusitados dentro do universo da MPB, como por exemplo mostrar parte da realidade de uma mulher trans* na música “Geni e o Zepelim”.

- **Você considera que hoje a mulher tenha pleno poder de fala?**

Infelizmente, não. Os espaços seguros para a fala das mulheres ainda são restritos a alguns poucos, como coletivos feministas e listas de discussão. Apesar de haver um discurso de que a sociedade está aberta para a igualdade entre homens e mulheres, sabemos que, na prática, isso não acontece. Uma prova disso é a cota de 30% exigida para partidos políticos que, além de tudo, quase nunca é preenchida pelas mulheres. A própria existência dessa reserva e a baixa adesão demonstram o quanto a política ainda é um ambiente dominado por homens e hostil para a mulher.

- **O que a Marcha das Vadias representa para você?**

Particularmente, acho a Marcha das Vadias um movimento relevante por vários motivos. Em primeiro lugar, a função primordial do protesto ainda é uma bandeira feminista: nenhuma mulher deve ser julgada, violentada, violada, abusada, questionada ou impedida de acessar espaços apenas pela roupa que estiver vestindo. Além disso, a atribuição do termo “vadia” a alguém é bastante machista. A Marcha, portanto, propõe uma ressignificação interessante do termo, já que as mulheres consideradas “vadias” pela sociedade são, na verdade, mulheres livres.

Por fim, acredito que a rua seja mais que um espaço físico; é, também, um espaço político. Logo, ter esse importante espaço ocupado por mulheres que lutam pela liberdade é muito simbólico e necessário.

Nome: Milena Fernandes da Rocha

Idade: 22 anos

Profissão: estudante/professora

• **Você participa ou já participou de algum movimento feminista? Cite quais.**

Apenas na esfera acadêmica. Investigo, no âmbito da pós-graduação (mestrado em Linguística na UnB), as identidades e as representações da mulher vigentes no PL 478/2007 (Estatuto do Nascituro) e nos discursos com os quais dialoga.

• **As pessoas associam o feminismo à uma guerra entre mulheres e homens. Essa é uma visão correta sobre o movimento feminista?**

Não. Tendo em vista a minha imersão em discussões acadêmicas em torno do patriarcado, das ideologias nele inseridas e das ideologias evocadas para a resistência a esse sistema, compreendo o feminismo como o conjunto de práticas sociais (incluindo-se, portanto, as práticas discursivas) que impõem resistência à dominação masculina na esfera social, cultural, econômica e política, que se efetiva sobretudo por meio da divisão sexual do trabalho e das estratégias de cerceamento dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher.

• **Na sua opinião qual tem sido a maior dificuldade de se sobreviver fora dos quadros fixados pela tradição e os costumes em relação ao papel da mulher?**

Minha família é composta de oito mulheres (todas brancas, deve-se ressaltar). Desde a minha vó, todas carregam o fardo da mulher “divorciada”, “separada”. Minha mãe e minhas tias acrescentaram a esse fardo aquele da “mãe solteira”. Eu, embora homossexual (ou “lésbica”, para usar um termo mais investido de política e ideologia) e, portanto, desfavorecida pela heteronormatividade, habito o espaço da academia, que, querendo ou não, me permite mais, enquanto mulher, do que o espaço do lugar-comum cotidiano. A partir da minha observação e experiência de mundo do que é a vida de uma mulher — branca, ressalto novamente — (esposa, divorciada, mãe, mãe solteira, lésbica), é difícil eleger uma dificuldade que se sobressai. De uma forma geral, acredito que as maiores dificuldades sejam a tomada de consciência da realidade opressora por trás do discurso da equidade de gênero e, em seguida, a permanência na resistência, no enfrentamento do patriarcado, diante de tantos motivos que fazem com que a mulher recue novamente para o “seu” lugar de coadjuvante.

- **Você acredita que ao ir de encontro à ordem estabelecida pela sociedade nesse campo feminino/masculino provoca reações que tendem a qualquer custo restabelecer a ordem “institucional” ameaçada?**

Sem resposta.

- **A fórmula imobilista “homem é homem, e mulher é mulher” traz efeitos negativos suscitados pela ideia de “natureza”, tomada em seu sentido absoluto. De acordo com esse princípio o desempenho da mulher e do homem na história obedece uma divisão social. Ainda hoje você acredita que tais princípios estabelecidos fazem com que a mulher em pleno século 21 não saia da sua posição de coadjuvante por medo de quebrar paradigmas ou por ter de fato se tornado coadjuvante?**

Primeiro, ousar sugerir que a pergunta seja reformulada: onde se lê “divisão social” lê-se “divisão sexual”, porque a história, de fato, obedece a uma divisão social; o que é equivocado é a fundamentação dessa divisão em distinções sexuais meramente biológicas. Para responder essa pergunta, optarei por recorrer a alguns conceitos teóricos. Entre alguns modos de operação da ideologia, Thompson aponta as

estratégias de legitimação e de reificação, responsáveis, respectivamente, por tornar legítimas as relações de poder e por retratar uma situação transitória e histórica como permanente e atemporal. Inserida nas estratégias de legitimação está a narrativização (processo que usa histórias sobre o passado análogas ou semelhantes ao presente para criar tradições eternas). Inseridas nas estratégias de reificação estão a naturalização (consiste em tornar natural ou inevitável uma criação social) e eternização (quando fenômenos históricos e sociais são desprovidos de sua efemeridade e apresentados como permanentes). Também no discurso acadêmico, há a compreensão de que o discurso tanto representa/reflete a realidade social quanto a constrói. Ou seja, por um lado, a mulher, no século XXI, não sai de sua posição de coadjuvante, porque o discurso do patriarcado, ao refletir essa realidade social (localizada sócio-historicamente), a constrói e fortalece, convencendo mais mulheres de que aquele é o seu lugar. Por outro lado, é apenas pelo discurso que a mudança (inicialmente discursiva) se efetivará na realidade social. É por meio do discurso de protagonista que a mulher é capaz de refletir o protagonismo já conquistado até então e, simultaneamente, caminhar ainda mais em direção à construção de um protagonismo pleno.

- **A religião influencia ou dificulta o debate sobre o feminismo?**

Com certeza. A religião e a Igreja, como instituição social (ou, talvez, um Aparelho Ideológico do Estado – AIE, para Althusser) atua ativamente no controle da vida social e individual do sujeito, vigiando e punindo (Foucault) sua intimidade, suas relações sociais, seus posicionamentos políticos. O Cristianismo, particularmente, a meu leigo ver, expõe mulheres como Eva, Maria e Maria Madalena, para que sirvam de “modelo” para os cristãos. Além disso, a partir de uma breve e superficial análise discursiva da Bíblia (sobretudo primeiro testamento), nota-se um constante e acentuado apagamento da mulher. Há páginas e páginas enumerando até 20 nomes de homens, para traçar o caminho “[...] que é filho de Abraão, que é filho de Deus” (no intuito de, ao mesmo tempo, afirmar que “todos” são filhos de Deus e deixar bem claro que não é “qualquer um” que é filho Dele, mas aqueles que pertencem à sua “descendência genética indireta”). Enquanto isso, há páginas e páginas que prescindem de apresentações nominais de mulheres (quando mencionadas). Elas surgem apenas como esposas, mães, férteis, sem nome. Entre esses e outros

meros detalhes, a religião é um instrumento perigoso (e atraente) de poder, visto que sua maior ferramenta é a fé e a crença, idealmente tidas como “absolutas” e inabaláveis.

- **A mulher com o tempo foi lutando e alcançando seus direitos como indivíduo, você acha que hoje existe uma reivindicação pontual?**

Não sei se é essa que há de fato, mas, para mim, a preocupação central que deveria haver ainda é a tomada de consciência do patriarcado (coletivamente), do machismo e do sexismo (individualmente), do falocentrismo, da adoração à virilidade. Quanto às que já existem, tenho visto a maternidade e a recusa à maternidade ocupam espaços centrais nas discussões de gênero. Tem-se voltado a atenção para a questão do parto humanizado e, simultaneamente, a questão do aborto. Embora soem, para alguns, contraditórias, as duas questões dizem respeito aos direitos reprodutivos da mulher, sugerindo, talvez, que é essa a reivindicação pontual da contemporaneidade imediata (início do século XXI).

- **Chico defende em suas canções, como em Folhetim, a liberdade sexual da mulher. Você acredita que a mulher hoje pode exercer essa liberdade sexual sem ser vista de maneira pejorativa pela sociedade?**

Infelizmente, ainda não. Para Foucault (e tantos outros estudiosos), há uma intrínseca relação entre poder e prazer: o prazer de exercer o poder ou o prazer de resistir ou escapar ao poder. A liberdade sexual da mulher, direta e indiretamente, implícita e explicitamente, está relacionada à sua liberdade de uma forma geral. A liberdade da mulher em sua intimidade sexual, assim como na esfera profissional, a coloca em pé de igualdade com o homem, fazendo surgir a competição característica das relações bélicas entre homens. Por isso, todas as diferentes (e inimagináveis) formas de a mulher exercer a sua liberdade sexual equivalem a formas de exercer poder ou lutar por ele. Ela pode ser monogâmica, poligâmica, heterossexual, bissexual, homossexual, ativa, inativa, passiva... Qualquer coisa que denote uma escolha própria da mulher lhe trará problemas. Por outro lado, ela pode “exercer” todas essas “liberdades”, se denotarem escolhas de um homem ao seu lado/por trás dela (ex.: o clássico fetiche masculino por duas mulheres se beijando).

- **A mulher nas canções de Chico tem uma voz ativa, e não é mais vista como objeto, mas sim ciente de suas próprias vontades. Você como mulher se sente bem representada nessas canções?**

Eu, particularmente, não conheço muito a obra de Chico, mas, tendo minhas origens em uma família de oito mulheres apenas (como dito anteriormente), “ouço falar” da habilidade do grande compositor para traduzir em representações musicais identidades que deveriam ser, a princípio, completamente alheias ao homem — branco.

- **Você considera que hoje a mulher tenha pleno poder de fala?**

Não posso responder a essa questão com polos (sim ou não). Se digo que sim, aplaudo o discurso da equidade de gênero, amplamente difundido. Se digo que não, além de acabar deslegitimando o poder conquistado, “rogo uma praga discursiva” em torno das reivindicações feministas, visto que o discurso também constrói a realidade social. Para “resolver” a questão de uma forma objetiva, diria que a mulher tem, sim, poder de fala atualmente. Mas ainda não chegamos à plenitude desse poder. A nossa fala é vigiada, monitorada, moderada, mediada, censurada pelo “outro”.

- **O que a Marcha das Vadias representa para você?**

Sempre houve e ainda há um distanciamento entre o feminismo militante e o feminismo acadêmico. Venho me inserindo recentemente nos espaços do feminismo acadêmico, o que, muitas vezes, me distancia da militância “corpo a corpo”, portanto talvez me falem referências para me posicionar com fundamentação quanto à Marcha das Vadias. O que posso falar com segurança do meu ponto de vista é que a militância, qualquer uma, exige abdições. Contudo, os grandes militantes (falando de sujeitos, indivíduos) não colheram os frutos de suas abdições; sequer viveriam tempo suficiente para que isso acontecesse. Então, a militância (aquela, “corpo a corpo”) pressupõe que o coletivo esteja em evidência, em detrimento do

individual. A mulher que “dá sua cara a tapa” em marchas, manifestações e protestos abertos ao público (diferentes do universo acadêmico) sabe que está se colocando em risco e, tendo o coletivo sempre em mente, coloca-se assim mesmo. Ela fala para um público que não quer ouvi-la, tampouco é obrigado a fazê-lo com respeito (diferentemente do universo acadêmico). Ela expõe a si, à sua parceira, a seus familiares e a seus amigos. E nenhum deles colherá os frutos pródigos dessa abdicação, mas outros milhares colherão. Tendo isso em vista, a Marcha das Vadias é imprescindível para o movimento feminista como um todo, ainda mais considerando sua repercussão e, às vezes, aderência nos espaços “alheios” ao feminismo.

Nome: Gabriela Moll

Idade: 22

Profissão: Repórter

• **Você participa ou já participou de algum movimento feminista? Cite quais.**

Já participei da Marcha das Vadias, mas não faço parte da organização do movimento.

• **As pessoas associam o feminismo como uma guerra entre mulheres e homens. Essa é uma visão correta sobre o movimento feminista?**

Absolutamente não.

• **Na sua opinião, qual tem sido a maior dificuldade de se sobreviver fora dos quadros fixados pela tradição e costumes com relação ao papel da mulher?**

Suportar o machismo diário nas ruas, trabalho e escolas.

- **Você acredita que ao ir de encontro à ordem estabelecida pela sociedade nesse campo feminino/masculino provoca reações que tendem a qualquer custo reestabelecer a ordem “institucional” ameaçada?**

Não necessariamente. As vítimas do machismo diário não são apenas as mulheres que se posicionam contra uma ordem preestabelecida culturalmente.

- **A fórmula imobilista “homem é homem, e mulher é mulher” traz efeitos negativos suscitados pela ideia de “natureza”, tomada em seu sentido absoluto. De acordo com esse princípio o desempenho da mulher e do homem na história obedece uma divisão social. Ainda hoje você acredita que tais princípios estabelecidos fazem com que a mulher em pleno século 21 não saia da sua posição de coadjuvante por medo de quebrar paradigmas ou por ter de fato se tornado coadjuvante?**

A premissa está errada desde o início. Uma vez que há pessoas que não são nem homens nem mulheres, por não se identificarem com nenhum dos gêneros. A definição de gênero é vazia e nada deveria ter a ver com a biologia. Há pessoas que tem pênis, há pessoas que tem vaginas, há pessoas que tem ambos. Ser mulher ou homem é uma questão de identidade. Muitas mulheres têm medo de quebrar paradigmas sim. E não é por pouco. A cultura machista, violenta e opressora, realmente dá medo. É ainda mais difícil no caso das mulheres trans.

- **A religião influencia ou dificulta o debate sobre o feminismo?**

As duas coisas. No caso da Igreja Católica, influencia que as mulheres permaneçam sem o domínio de seus corpos e mentes. A igreja patriarcal dificulta a aprovação de projetos que garantiriam os direitos das mulheres, como a legalização do aborto. E o Estado diz que é laico.

- **A mulher com o tempo foi lutando e alcançando seus direitos como indivíduo, você acha que hoje existe uma reivindicação pontual?**

Sim, a reivindicação é que as mulheres tenham direitos iguais. É claro, os direitos são abrangentes, mas a igualdade é o ponto em comum.

- **Chico defende em suas canções, como em *Folhetim*, a liberdade sexual da mulher. Você acredita que hoje a mulher pode exercer essa liberdade sexual sem ser vista de maneira pejorativa pela sociedade?**

Não. Se compararmos ao passado, as coisas melhoraram, mas a sexualidade da mulher ainda é oprimida e objetificada todos os dias.

- **A mulher nas canções de Chico tem uma voz ativa, e não é mais vista como objeto, mas é ciente de suas próprias vontades. Você como mulher se sente bem representada nessas canções?**

Sim, porque sou uma mulher de voz ativa. Mas não acredito que as canções representem as mulheres no geral.

- **Você considera que hoje a mulher tenha pleno poder de fala?**

Sim. Talvez alguns ainda não tenham a capacidade de ouvir e entender o que queremos.

- **O que a Marcha das Vadias representa para você?**

É um movimento que luta pelos direitos das mulheres e convida todos e todas às ruas para reivindicar esses direitos. Além disso, a Marcha das Vadias é um grupo que vai além da “marcha” propriamente dita. Promoção de palestras sobre sexualidade para jovens e debates sobre Direito e violência fazem parte das ações do grupo. Me sinto representada pelo movimento.

ENTREVISTA COM FREDERICO TOMÉ

Nome: Frederico Castilho Tomé

Idade: 38

Formação: Graduado em História, Mestre em Ciências Sociais

Profissão: Professor Universitário

Observação: Fique à vontade para discorrer sobre o assunto abordado em cada pergunta.

- **A música popular inicia uma nova etapa de inovação estética e mudança de comportamento do ouvinte e do cantor, em relação ao Chico Buarque onde você acredita que isso se tornou mais evidente?**

Creio que a inovação estética, em relação ao Chico Buarque, ocorreu principalmente na configuração do eu lírico. Ao contrário de outros cantores/compositores, Chico Buarque entoava, em muitos casos, músicas nas quais o discurso narrativo partia de uma mulher. Assim, temas como a paixão, a perda, a traição, a resignação e a homossexualidade, entre outros, foram abordados sob a ótica feminina – ou de uma certa condição feminina – até então silenciada na música brasileira.

- **As mulheres carregam a responsabilidade do gênero, em relação à normatizada, ainda que invisível, masculinidade, que permeiam os modelos sociais. Em que aspectos essa responsabilidade é considerada um obstáculo para o desenvolvimento da mulher como indivíduo em pleno século XXI?**

Diria que em vários aspectos. Se os modelos sociais são balizados por uma normatização masculina, as peculiaridades do feminino encontrarão, como de fato tem encontrado, dificuldades em suas expressões e aceitações. Por exemplo, as mulheres ainda hoje e desde sempre percebem dificuldades no campo profissional, já que por alguns são consideradas emotivas, frágeis e instáveis, isso sem contar na condição de mãe que lhe é própria. O campo afetivo seria um outro exemplo. Por mais que tenha ocorrido uma certa flexibilização na valoração moral da sexualidade feminina (liberdade sexual nos anos 60, pílula anticoncepcional, desmistificação da virgindade), ainda há um forte controle social sobre o comportamento sexual das mulheres.

- **Embora estejamos em um novo século, as mulheres ainda são vistas, em muitas teorias psicológicas, como inconscientes, emocionalmente instáveis, sem um superego mais forte, fracas, dedicam-se ao lar e a família, ou seja, existe um típico estereótipo de inferioridade. Como desconstruir um estereótipo feminino construído por séculos na história?**

Imagino não ser tão fácil desconstruir um estereótipo. Ele é de certa forma necessário como um pré-conceito, um pré-entendimento conceitual. Contudo, o avanço das mulheres no âmbito social, tendo estas galgado postos políticos e profissionais cada vez mais significativos, já é um indício que tais estereótipos podem sofrer alterações positivas no decorrer dos anos. Aliás, não há apenas um estereótipo. Há aqueles que percebem as mulheres com uma pré-configuração de antemão positiva: mais decididas, fiéis, dedicada aos seus, mais resistentes física e psicologicamente...

- **Você acredita que ao experimentar a autonomia a mulher percebe a solidão na sua essência e passa a se submeter a um papel social que lhe é destinado pela sociedade patriarcal por medo da solidão, como na música A história de Lily Braun (<http://letras.mus.br/chico-buarque/85821/>)?**

Há casos e casos. A solidão não é somente um atributo do universo feminino e, ao passo que a instituição do casamento e da vida conjugal sofrem transformações, o próprio ideal de mulher se transmuta também. A opção pelo matrimônio e pela maternidade tende a não ser tão impositiva quanto já foi a algum dia. Além disso, a realidade urbana promove e alimenta uma pluralidade de comportamentos. A terceira idade, por exemplo, é um conceito novo que serve para identificar comportamentos sociais mais ativos por parte dos idosos. Para mim, a música 'A história de Lily Braun' narra não a submissão a um papel social. Narra a infelicidade de uma mulher no casamento, que pode ou não se transformar em um divórcio ou em um caso extraconjugal. É de se notar a própria transformação legal na qual o divórcio passou a ser reconhecido juridicamente, e cada vez mais socialmente, além da criminalização da violência doméstica, esta ainda tragicamente presente na sociedade brasileira.

ENTREVISTA COM LUCIANA COLÓ

Nome: Luciana Coló

Idade: 45 anos

Formação: Faculdade de Letras (UFRJ), Curso Profissionalizante em Teatro (CAL) e Faculdade de Música (UNIRIO - incompleto)

Profissão: Cantora e Professora de Canto

Observação: Fique à vontade para discorrer sobre o assunto abordado em cada pergunta e sobre as letras das composições escolhidas.

- **O que Chico Buarque de Hollanda representa pra você como mulher?**

Chico representa o mundo feminino quase como se fosse ele mesmo uma mulher porque nos vê a partir de nosso ponto de vista - ele se traveste de mulher, como um ator, o seu olhar vem de dentro, sem preconceitos. Por isso, acho, as mulheres se encantam, pela sua porção feminina aliada à seu enorme talento de poeta e compositor.

- **Nas canções buarquianas é notável a aproximação da personagem com a mulher brasileira, Chico canta o cotidiano. Você acredita que músicas como *Com açúcar e com afeto*; *A história de Lily Braun* e *Folhetim* são músicas atemporais, isto é, são representações das mulheres hoje?**

Sim, porque dentro do Brasil há muitos brasis , e apesar de ter acontecido a Revolução Feminista na década de 70 nas grandes metrópoles, muitas mulheres, principalmente, mas nem sempre, as do interior, continuam submissas ao homem, sendo oprimidas por uma educação machista.

“Com açúcar, com afeto” fala de uma mulher que aceita os deslizes ou a liberdade de seu homem, e ela o espera , o seu único amor, com a sua servidão amorosa secular, em casa. É lindo! Me identifico com ela, de certo modo, mesmo não sendo uma mulher submissa ao homem, por que.... quem não ama demais?

“A História de Lily Brown” mostra o início livre e feliz de um romance que deságua num casamento chato e opressor. Também me identifico, de certo modo, pois sou casada há 16 anos, e é muito difícil compartilhar a liberdade ou ser livre juntos.

“Folhetim” acho que mostra uma mulher mais moderna, liberta das idealizações a respeito do amor que preenche tudo, uma mulher que não depende do amor do outro para se amar, uma mulher que não se deixa prender, e usa o homem, como ele, um dia, usou a mulher.

- **Como é fazer parte do bloco Mulheres de Chico?**

Tem um lado terapêutico por ser um grupo grande, só de mulheres. Acho que evolui como ser-humano: aprendi a ouvir críticas sem me abalar tanto, a brigar pelo que acredito, a ter coragem de dizer o que penso, e a ceder também.

Musicalmente aprendi e continuo aprendendo a cantar junto com a massa sonora da bateria, a interagir com essa pressão e diversidade rítmicas que toca diretamente o coração, que age sobre a nossa pulsação interna. É forte.

E também é muito bom cantar para platéias maiores, porque há uma interação, uma comunicação entre palco e platéia, entre música, intérprete e ouvinte, e a união faz a força, quanto mais gente, mais forte fica essa química. É mágico.

Mas, especialmente, gosto de cantar no bloco por causa do repertório: Chico Buarque de Hollanda. É meu compositor predileto por causa dos temas que ele aborda, de modo tão delicado e cru, lírico e real ao mesmo tempo (“Geni”, a prostituta marginalizada, salva uma cidade, e de escória se transforma em santa e depois novamente em escória, ou seja, acima ou além do papel de prostituta está o ser-humano com as suas qualidades e fragilidades, e a cidade não pode perceber a grandiosidade e humanidade do ato de Geni por causa de seu preconceito em relação a figura da prostituta; em “Meu Guri” a mãe vê os roubos do filho com a extrema pureza do amor materno e o transforma em herói – eu, como mãe, me sinto representada nessa música, que considero uma obra-prima, atemporal, cheia de humanidade). E por causa da sua escrita poética tão cotidiana e elaborada, cheias de metáforas surpreendentes (“Passas em exposição/Passas sem ver teu vigia / Catando a poesia que entornas do chão”).

- **O que você considera ser a maior relação entre o mundo feminino e as canções buarquinas?**

Acho que respondi um pouco na questão anterior: o amor, o amor universal, a fraternidade amorosa, a delicadeza, a profundidade e sinceridade de uma entrega amorosa.

“Amar não é um vício/Amar não é um ócio/O amor é sacrifício/O amor é sacerdócio/Amar é iluminar a dor como um missionário.”

- **Qual foi a maior ruptura entre a mulher cantada/representada por Tom Jobim na Bossa Nova e a mulher cantada/representada por Chico Buarque na MPB?**

Pergunta difícil. Tom Jobim, acho, não estou bem certa disso, cantou a mulher a partir do seu ponto-de-vista, a de um homem-poeta-cavalheiresco da segunda metade do século XX. Portanto, cantou uma mulher idealizada, perfeita, a musa inspiradora do poeta, e não a mulher real. Chico, vindo junto com a Revolução sexual e comportamental da geração hippie, cantou a mulher, como já disse, a partir do ponto-de-vista da mulher ou a partir do ponto-de-vista do homem que cultiva e se relaciona com seu lado feminino, uma mulher que sofre, e se engrandece também, porque ama.

- **Chico Buarque completa 70 anos em Junho, em toda sua trajetória o feminino esteve presente. Qual a maior contribuição de Chico com relação ao feminino?**

Acho que já respondi a essa pergunta: dar voz ativa à mulher; em Chico, a mulher se transforma na protagonista da canção.

- **A música popular inicia uma nova etapa de inovação estética e mudança de comportamento do ouvinte e do cantor em relação a Chico Buarque, onde você acredita que isso se tornou mais evidente?**

Na união do cronista que narra situações cotidianas (como Noel Rosa), do sofisticado compositor de melodias e harmonias elaboradas (como Tom Jobim) e do filósofo e humanista que denuncia um mundo cheio de desigualdades e vislumbra um mundo mais amoroso em sua música (como todos os de sua geração).

